

# O PATRIMÔNIO E AS PAISAGENS: NOVOS CONCEITOS PARA VELHAS CONCEPÇÕES?<sup>1</sup>

*THE HERITAGE AND LANDSCAPES: NEW CONCEPTS FOR OLD IDEAS?*

Vanessa Gayego Bello Figueiredo\*

## RESUMO

Este artigo investiga a relação paisagem e patrimônio e traz uma rápida análise crítica da prática da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) desde a institucionalização da categoria “paisagem cultural”, criada na Lista do Patrimônio Mundial, em 1992, até 2012. O texto estrutura-se em quatro partes. A primeira apresenta uma breve consideração histórico-conceitual acerca da noção ocidental de paisagem. A segunda apresenta as recentes formulações sobre a paisagem cultural baseadas em convenções internacionais, como a do Conselho de Ministros da União da Europa Ocidental (UEO), de 1995, e a Convenção Europeia da Paisagem, de 2000. A terceira parte concentra-se na análise do trabalho do Comitê do Patrimônio Mundial, compreendendo as principais características e os principais valores das paisagens culturais listadas. Por fim, o estudo revela como o emprego deste novo conceito vem refletindo ainda velhas concepções de paisagem e de preservação, embora aponte perspectivas de avanço nas políticas de patrimônio, sobretudo no tocante à própria ampliação da noção de patrimônio e à aproximação entre as dimensões cultural/natural e material/imaterial.

Palavras-chave: Paisagem cultural. Patrimônio mundial. Paisagem histórica urbana. Preservação do Patrimônio cultural. Cartas Patrimoniais.

## ABSTRACT

*This article investigates the relationship between landscape and heritage and brings a brief critical analysis of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) practice since the institutionalization of cultural landscape category, created on the World Heritage list in 1992, until 2012. The text is structured in three parts. The first presents a brief historical approach about the concept of Western landscape. The second presents recent formulations on the cultural landscape based on international conventions, such as the Council of Europe (1995) and the Landscape European Convention (2000). The third part focuses on the analysis of the World Heritage Committee work, comprising the main characteristics and values of cultural landscapes listed. Finally, the study reveals how the employment of this new concept is still reflecting old conceptions of landscape and preservation, although points towards perspective in the heritage policies, especially as regards the own expansion of the heritage concept and the approximation between the natural and cultural, material and immaterial dimensions.*

*Keywords: Cultural landscape. World heritage. Historic urban landscape. Cultural heritage preservation. Heritage charters.*

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto da pesquisa de doutorado na FAUUSP, ainda em desenvolvimento, sob orientação do professor doutor Eduardo Alberto Cusce Nobre e financiamento da Capes.

---

\* Arquiteta e urbanista, doutoranda e mestre em planejamento urbano e regional pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP) – bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Membro do Comitê Brasileiro de Preservação do Patrimônio Industrial – The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH-Brasil), docente na FAU PUC-Campinas Centro Educacional Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP/Salto). Ex-subprefeita de Paranapiacaba e do Parque Andreense, em Santo André (SP).  
vanbello@usp.br

## 1 REVISITANDO A NOÇÃO DE PAISAGEM

Alguns autores e instituições nacionais e internacionais têm se dedicado recentemente à investigação das origens, do desenvolvimento e das polêmicas em torno do conceito de paisagem e da relação entre paisagem e patrimônio.

Para nossa surpresa, a francesa Anne Cauquelin destaca que o termo “paisagem” está ausente do vocabulário ocidental. Há somente o termo *topio*, utilizado mais para designar um pequeno lugar que uma paisagem. Já a natureza, designada por *phusis*, foi objeto de numerosas definições entre filósofos. Frequentemente compreendida como recurso divino à vida e à sobrevivência dos seres, suas manifestações são visíveis e, portanto, mais concretas. “A natureza, sua compreensão, pertence à ordem do intelecto, não da sensibilidade.” (CAUQUELIN, 1998, p. 25). Esta noção de natureza contrapõe-se à ideia mais corrente de paisagem – a imagem processada, interpretada, representada, construída, inventada, metafórica, simbólica e retórica da natureza ou do ambiente<sup>2</sup>.

Na literatura o Livro dos Salmos traz o primeiro registro da palavra “paisagem”, escrito em hebraico por volta de 1.000 a.C. Voltada à noção visual e estética, descreve a paisagem como “[...] a bela vista que se tem do conjunto de Jerusalém, com os templos, castelos e palacetes do Rei Salomão. (METZGER, 2001, p. 2).

Mas foi com a arte da pintura, a partir da composição da perspectiva, no renascimento, que se conformou definitivamente a transformação da visão mais concreta da natureza em percepção sensível ou em processo seletivo de apreensão da realidade (SANTOS, 1999). Nesse sentido, Cauquelin (1998) destaca a importância da perspectiva na invenção e consolidação da forma simbólica de paisagem, persistente até hoje, seguindo suas regras de construção: distância, pontos de fuga, horizonte, sequência de planos, progressão, proporção e enquadramento. Daí a noção comum de que a paisagem é um “panorama” ou algo que se vê de longe e com profundidade, permitindo a distância necessária da linha do horizonte, ou *skyline*, espinha dorsal de sua construção morfológica em que os primeiros planos e detalhes se fazem menos importantes, embora constitutivos. É neste quadro pictórico como base mental, uma montagem construindo a imagem artificial, que os diversos elementos são organizados. É isto que Cauquelin (1988, p. 26) chama de regras implícitas ou inconscientes da paisagem:

[...] a harmonia necessária para o equilíbrio das massas fazem referência às leis plásticas estabelecidas pela perspectiva legítima e só há paisagem para nós, em nossa cultura ocidental, se ela responder a essa demanda.

---

<sup>2</sup> Ver Santos (1999), Cauquelin (1998), Lynch (1985), Cullen (1986) e Ribeiro (2007).

Esta invenção mental, a paisagem perspectiva, é responsável por unir e compor os diversos signos no campo pictórico, inclusive, e sobretudo, a própria natureza, que figura como pano de fundo, contexto, ligação, meio, condição. Portanto, a natureza processada com a construção da paisagem passa a ser produto, embora sempre inacabado (SANTOS, 1999), ao passo que naturaliza a própria ideia de paisagem, tornando-a elemento inseparável de sua forma simbólica.

Iñaki Ábalos (2004, p.1) também identifica este tipo de leitura da paisagem na modernidade. Ancorada numa concepção de objeto, a paisagem é algo “[...] que se olha, se usa e se explora, porém com o qual jamais se estabelece uma relação de igualdade.” Diante dela, e sempre de fora, o sujeito adota “[...] uma posição asséptica, estática e contemplativa, que materializa um domínio sem posse.” (ÁBALOS, 2004, p.1). Por outro lado, lembra que os tempos modernos, com o processo acelerado de industrialização e desenvolvimento do capitalismo, representaram um período de intensa violência, sem precedentes, em relação aos recursos naturais. O sujeito moderno, ao toque do consumo descartável, passa a ter uma relação ainda mais fugaz com a natureza, transformando-a em artefato não reciclável, modificando intensamente os ciclos naturais, o clima, os ecossistemas e, conseqüentemente, as paisagens. Ressaltando a necessidade da sobreposição da agenda da sustentabilidade à necessidade estética, defende:

A paisagem não é mais esse bonito fundo sobre o qual se destacam belos objetos escultóricos chamados de arquitetura, mas o lugar no qual pode instalar-se uma nova relação entre os não-humanos e os humanos: um fórum cósmico onde devemos reescrever toda a herança recebida; a democracia estendida às coisas, em novo pacto. (ÁBALOS, 2004, p. 2).

Todavia, foram estes dois elementos, a construção pictórica perspectiva e a natureza, essenciais na composição morfológica da visão ocidental de paisagem, que constituíram e ainda constituem, embora de maneira mais intuitiva, os objetos de salvaguarda no campo da preservação do patrimônio. O que se busca preservar “[...] é a perenidade dessa forma, único objeto de transmissão [...]” (CAUQUELIN, 1998, p. 27). Os demais elementos e seus conteúdos, inevitavelmente, transformam-se ou são manipulados ao longo do tempo, acompanhando a dinâmica social – e isto tem sido relativamente aceito, ou imposto, às políticas de preservação. A questão da sustentabilidade é também recentemente incorporada, no entanto, como forma de recuperação ou manutenção da natureza, a mesma que deve ser preservada a fim de compor o cenário ideal de paisagem.

Embora desde o final do século XIX a paisagem tenha sido objeto de reflexão dos geógrafos<sup>3</sup>, que trouxeram uma abordagem mais sociológica, cultural e humanista, como a ideia de “paisagem cultural”, Cauquelin (1998) conclui que a noção pictórica

---

<sup>3</sup> Sobretudo os da geografia humana, como La Blanche e Carl Sauer (A Morfologia da Paisagem, 1925). Ver revisão bibliográfica em Ribeiro (2007).

de paisagem tem embasado a construção de uma retórica geral e dominante sobre o tema no campo do patrimônio cultural, a qual poderemos identificar na atuação de diversas instituições responsáveis pela preservação do patrimônio, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), apresentada adiante.

## 2 PAISAGEM E PATRIMÔNIO NO ÂMBITO INTERNACIONAL: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA IDEIA DE PAISAGEM CULTURAL

Apesar da anterioridade das discussões acerca da noção de paisagem e sítio histórico como patrimônio, ou da paisagem como associações entre aspectos culturais e naturais<sup>4</sup>, foi na década de 1990 que se iniciou um processo de institucionalização de uma nova abordagem de preservação, enfocando a paisagem “cultural”. Em 1992, o Comitê do Patrimônio Mundial, em sua 16<sup>a</sup> sessão, realizada nos Estados Unidos, inclui a categoria “paisagem cultural” na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO. Em 1995, o Comitê de Ministros do Conselho da Europa, por meio da Recomendação R(95) 9 – Sobre a conservação integrada de áreas de paisagens culturais como integrantes das políticas paisagísticas – recomenda a adoção desta abordagem nas políticas de preservação do patrimônio. Logo após, em 2000, é aprovada a Convenção Europeia da Paisagem, introduzindo um conjunto de regras para a proteção, gerenciamento e planejamento das paisagens.

O conceito de paisagem cultural, sistematizado na Recomendação R(95), congrega os vários aspectos e as várias abordagens correntes no campo da preservação do patrimônio<sup>5</sup>, considerando sua interdisciplinaridade e a necessidade de superação da fragmentação ainda praticada. Partindo-se de uma concepção mais alargada e integradora entre a ação do homem e a natureza e entre os patrimônios material e imaterial, adotar a paisagem como patrimônio pressupõe, ao passo que admite, o constante movimento e as relações intrínsecas e inseparáveis entre conceitos e

---

<sup>4</sup> Além das colocadas inicialmente, é importante lembrar os documentos e cartas patrimoniais internacionais que abordam a questão da paisagem: 1931 - **Carta de Atenas** (CIAM): resalta a visibilidade dos monumentos; 1940 - **Convenção de Washington**: sobre paisagem natural e o belo; 1962 - **Recomendação de Paris** (UNESCO): preservação ambiental, salvaguarda da beleza e caráter das paisagens e sítios; 1964 - **Carta de Veneza** (ICOMOS): amplia a noção de monumento histórico de uma criação arquitetônica isolada para um sítio urbano ou rural, com arquitetura modesta, e enfoca a noção de entorno e visibilidade dos monumentos; 1967 - **Normas de Quito** – Organização dos Estados Americanos (OEA): a paisagem como portadora de marcas e expressões do passado, testemunhos de uma tradição histórica de inestimável valor e o turismo como finalidade pragmática; 1976 - **Recomendação de Nairobi** (UNESCO): amplia a noção de entorno para ambiência dos conjuntos históricos (natural, construído, rural e urbano) percebendo-o em seus vínculos sociais, econômicos e culturais, mas ainda mantendo a visibilidade como predominante; 1981 - **Carta de Florença** (ICOMOS), trata de jardins históricos que, por seus valores históricos e artísticos, devem ser considerados monumentos; 1986 - **Carta de Washington** (ICOMOS): a paisagem dando sentido a um bem mais importante (como pano de fundo, hierarquia). As cartas na íntegra estão disponíveis em IPHAN, 2004.

<sup>5</sup> Sobre conceitos como monumento, monumento histórico, monumento natural, patrimônio histórico e artístico, patrimônio arqueológico, patrimônio arquitetônico, patrimônio natural, patrimônio urbano, patrimônio rural, patrimônio paisagístico, patrimônio industrial, patrimônio cultural, patrimônio ambiental urbano, patrimônio imaterial – ver CHOAY, 2001; MENESES, 2006; SCIFONI, 2008; GOMES; CORRÊA, 2011, IPHAN, 2004, dentre outros.

abordagens da história, da sociologia, da antropologia, da memória, da arte, da cultura, da ecologia e suas correspondências no meio físico, seja na edificação, nos objetos ou nos territórios – urbano, rural ou natural. Pressupõe a ação integrada do planejamento e da gestão territoriais com as políticas ambientais e sociais, sobretudo em suas dimensões culturais e econômicas. Busca conjugar a política de preservação ao processo dinâmico de desenvolvimento das cidades, o que implica, necessariamente, não impedir as mudanças, mas direcioná-las e, portanto, trabalhar na perspectiva do desenvolvimento sustentável.

A Recomendação vê a paisagem como bem cultural, destacando três aspectos: a percepção do território; os testemunhos do passado e do relacionamento entre os indivíduos e seu meio; as especificidades das culturas locais, práticas, crenças e tradições. Por outro lado, diferencia “paisagem”, algo múltiplo, complexo e mais geral, de “áreas de paisagem cultural”, unidades de paisagens mais homogêneas, onde se pode identificar e justificar as especificidades e os valores reconhecidos como patrimônio cultural:

As áreas de paisagem cultural são partes específicas, topograficamente delimitadas da paisagem, formadas por várias combinações de agenciamentos naturais e humanos, que ilustram a evolução da sociedade humana, seu estabelecimento e seu caráter através do tempo e do espaço e quanto de valores reconhecidos têm adquirido social e culturalmente em diferentes níveis territoriais, graças à presença de remanescentes físicos que refletem o uso e as atividades desenvolvidas na terra no passado, experiências ou tradições particulares, ou representações em obras literárias ou artísticas, ou pelo fato de ali haverem ocorrido fatos históricos. Recomendação R(95) 9. (IPHAN, 2004, p. 332).

Embora a Recomendação se aplique às áreas de paisagem cultural, conforme expõe o artigo segundo, foi dada especial atenção ao planejamento integral e integrado do território, incluindo as políticas de uso da terra e políticas mais abrangentes, contemplando interesses diversos: culturais, históricos, estéticos, arqueológicos, etnológicos, ecológicos, simbólicos, econômicos e sociais.

A Convenção Europeia da Paisagem, sistematizada em 2000, em Florença, também compreende a relação entre aspectos naturais e culturais da paisagem, mas enfoca a visão cultural da natureza, com destaque para as questões de biodiversidade e ecossistemas, refletindo a agenda ambiental da década de 1970. Entra em vigor em 2004, no contexto da Unificação Europeia, e acaba configurando-se como uma tentativa de estabelecer políticas públicas comuns, que tenham a paisagem como recurso ao estabelecimento e à manutenção de uma identidade europeia, evidenciando seu objetivo e abrangência regional. Mais alinhada ao ideário do desenvolvimento sustentável que à agenda do patrimônio cultural, a Convenção estabelece princípios legais para áreas urbanas, periurbanas, rurais, naturais (em terra ou na água), e define paisagem como: “[...] uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da ação e da interação de fatores

naturais e ou humanos.” Classifica-a em três tipos: a) de considerável importância ou extraordinárias; b) ordinárias; c) degradadas:

Os 46 países europeus signatários comprometeram-se a: reconhecer legalmente as paisagens; estabelecer e implementar políticas de proteção, gerenciamento e planejamento; criar procedimentos de participação e integrar a questão da paisagem nas políticas de planejamento regional e urbano. (RIBEIRO, 2007).

Assim, a possibilidade de concretização de uma política de preservação de paisagens qualificadas como culturais viria a ampliar a própria noção de patrimônio e as medidas de salvaguarda e valorização. Por outro lado, certamente implicará na criação de novas formas de gestão, nas quais o patrimônio seja tomado efetivamente como um dos elementos estruturadores do planejamento territorial. Ademais, a interdisciplinaridade proposta pelo novo conceito vem exigindo a abertura dos canais de comunicação entre as diversas áreas, buscando, além da integração, a ampliação dos mecanismos de participação, democratizando a gestão do patrimônio e tornando imprescindível a inclusão das comunidades locais e demais interessados.

### 3 A PAISAGEM E O PATRIMÔNIO MUNDIAL

Embora a UNESCO tenha sido a primeira instituição internacional a adotar formalmente o reconhecimento e a proteção da paisagem como patrimônio (UNESCO/ ICOMOS, 2009), sua atuação e seus documentos técnicos ainda suscitam dúvidas e revelam incoerências típicas de um processo ainda em construção, mas também reflexos da excessiva categorização dos bens e dos processos políticos inerentes à diplomacia internacional.

Se por um lado o reconhecimento mundial do valor da paisagem enquanto patrimônio, por meio da nova categoria “paisagem cultural”, aponta para o estreitamento dos antagonismos entre patrimônios natural/cultural e material/imaterial – ainda praticados pela UNESCO<sup>6</sup> – de bens na Lista do Patrimônio Mundial, a nova categoria ainda não tem se revelado como a pretensa via alternativa de conexão, conforme preconizam as principais diretrizes conceituais do termo, embora haja avanços. A partir da compreensão das classificações da UNESCO e da análise dos bens já incluídos (e retirados) na Lista do Patrimônio Mundial, poderemos identificar as características que comporão o argumento.

A Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural de 1972 distingue claramente os patrimônios naturais e culturais, cuja avaliação e julgamento são realizados por grupos distintos de especialistas<sup>7</sup>. Os patrimônios

---

<sup>6</sup> Reflexo das concepções e políticas ocidentais de patrimônio, sobretudo das eurocêntricas.

<sup>7</sup> Para o patrimônio natural, a International Union for Conservation of Nature (IUCN); para o patrimônio cultural, o International Council on Monuments and Sites (ICOMOS).

culturais podem ser alocados em três grandes categorias: monumentos, conjuntos e sítios. Já os naturais, em outras três: monumentos naturais, formações geológicas e fisiográficas e sítios naturais. Os sítios considerados mistos devem atender aos critérios e categorias de ambos concomitantemente.

A priori, é preciso ressaltar que a “paisagem cultural” não substituiu a categoria “patrimônio misto”, tampouco ganhou assento ao seu lado. Foi criada como uma subcategoria ou tipologia do “patrimônio cultural”. Quando do lançamento da nova seção, em 1992, diversos técnicos e acadêmicos haviam compreendido que não haveria mais a possibilidade de inscrição na “categoria misto”. Entretanto, a mesma não foi extinta e, desde lá, alguns bens vêm sendo a ela incorporados, a exemplo das Lagoas Meridionais das Ilhas Calcáreas, na República de Palau, declarada em 2012, totalizando 29 representações.<sup>8</sup> Em 2012 as paisagens culturais somavam 85 bens dentre os 745 inscritos como patrimônio cultural. Os patrimônios naturais estavam representados por 188 bens, compondo um total de 962 bens na Lista do Patrimônio Mundial.<sup>9</sup> Para as “Paisagens Culturais” a UNESCO trabalha com a seguinte definição:

As paisagens culturais são bens culturais e representam as “obras conjugadas do homem e da natureza” a que se refere o artigo 1º da Convenção. Ilustram a evolução da sociedade humana e a sua consolidação ao longo do tempo, sob a influência das condicionantes físicas e/ou das possibilidades apresentadas pelo seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, econômicas e culturais, externas e internas. (UNESCO, 2008a, p. 22-23. Tradução de Vanessa Gayego Bello Figueiredo).

Esta definição referenda o conteúdo elaborado na Convenção de 1972, dialoga com a Recomendação R(95) 9 e reforça o conceito clássico de Sauer, presente em vários documentos da UNESCO:

The cultural landscape is fashioned from a natural landscape by a culture group. Culture is the agent, the natural area the medium, the cultural landscape the result. (SAUER, 1925, apud UNESCO, 2009, p.16).

Dentro desta categoria, foram criadas três subcategorias, que buscam encampar três diferentes concepções de paisagem: a) *Clearly Defined Landscape* ou Paisagens Claramente Definidas; b) *Organically Evolved Landscape* ou Paisagens Evoluídas Organicamente, com duas subdivisões, Paisagem Relíquia (ou Fóssil) e Paisagem

---

<sup>8</sup> “A existência de uma categoria de ‘paisagem cultural’, incluída na Lista do Patrimônio Mundial, com base no critério definido no parágrafo 77, das orientações, não exclui a possibilidade de continuar a inscrever bens de importância excepcional, segundo critérios naturais e culturais (ver também a definição de bens mistos, descritos no parágrafo 46). Em tais casos, seu valor universal excepcional deve ser justificado nas duas categorias de critérios.” (UNESCO/ICOMOS, 2009, p.10. Tradução de Vanessa Gayego Bello Figueiredo.).

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/culturallandscape>> e <<http://whc.unesco.org/en/list>>. Acesso em: 30 ago. 2012.

Contínua; c) *Associative Cultural Landscape* ou *Paisagem Cultural Associativa*. (RIBEIRO, 2007).



**Figura 1** Sintra, Muralhas no entorno do Castelo dos Mouros, Portugal (1995).

Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sintrazamek.jpg>>. Acesso em: 27 set. 2011.  
Autor: Tlumaczeniowa.<sup>10</sup>



**Figura 2** Sintra, Palácio Nacional, Portugal (1995).

Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sintra\\_vila\\_4.JPG](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sintra_vila_4.JPG)>. Acesso em: 4 dez. 2011.  
Autor: Husond.

---

<sup>10</sup> As imagens utilizadas neste artigo possuem licença Creative Commons, disponíveis em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/>>. Acessos entre: ago. 2011 e set. de 2012. As imagens 11 e 28 estão disponíveis em <<http://www.flickr.com>>.

As Paisagens Claramente Definidas (figuras 1 e 2) são aquelas criadas intencionalmente pelo homem, por motivação estética, religiosa ou política, a partir de um plano ou projeto, podendo associar espaços livres a conjuntos edificados. É a paisagem com autoria de desenho, ligada às práticas do paisagismo, como parques, jardins, praças, quintas – a exemplo de Sintra, em Portugal, e Lednice-Valtice, na República Tcheca.

As Paisagens Evoluídas Organicamente são aquelas construídas coletivamente por um grupo social ou uma sociedade. Apresentam a evolução de algum ciclo social, econômico, administrativo ou religioso. Podem ser uma cidade inteira, parte dela ou um grupo de cidades, adquirindo escala regional, e podem apresentar-se de duas formas: a Paisagem Relíquia ou Fóssil (figura 3) é a paisagem-produto, resultante de um processo evolutivo que já teve um fim, com marcas materiais ainda visíveis, como sítios arqueológicos com vestígios materiais de cidades cuja civilização foi extinta ou, simplesmente, conjuntos edificados não utilizados. A Paisagem Contínua (figura 4) é a paisagem em processo, que ainda mantém viva na contemporaneidade culturas, tradições e grupos sociais de diversos ciclos, de um ciclo específico ou predominante, com evidências materiais de suas manifestações e de sua evolução. Na Lista do Patrimônio Mundial, representam as paisagens relíquias as Cidades da Rota do Incenso, no Deserto de Negev, em Israel; o Parque Nacional de Cilento e Vale Diano, na Itália; Blaenavon, no Reino Unido; as Aldeias Antigas do Norte Sírio, dentre outras.



**Figura 3** Paisagem Relíquia: Rota do Incenso, Cidades do Deserto de Negev, Israel (2005).

Disponível em: <<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/fd/Avdat-v.jpg/1280px-Avdat-v.jpg>>.

Acesso em: 17 nov. 2011.

Autor: Etan J. Tal.



**Figura 4** Paisagem Contínua: Cinque Terre, Itália (1997).

Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Riomaggiore01\\_2007-03-31.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Riomaggiore01_2007-03-31.jpg)>. Acesso em: 27 set. 2011.

Autor: KLAUS.

As Paisagens Culturais Associativas (figuras 5, 6 e 7) surgem da forte associação cultural, religiosa, artística ou mística, geralmente ancorada ao espaço natural e a seus elementos. As evidências materiais das práticas culturais nem sempre são visíveis, mas o espaço físico é imprescindível para a manutenção e suporte dessas práticas imateriais, como rituais religiosos ou sagrados em florestas, rituais indígenas, dentre outros.



**Figura 5** Montanha Sagrada do Parque Nacional Uluru-KataTjuta, Austrália (2002).

Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paul\\_Mannix\\_-\\_Uluru\\_\(Ayers\\_Rock\)\\_at\\_sunset,\\_Uluru-Kata\\_Tjuta\\_National\\_Park,\\_Australia\\_\(by-sa\).jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paul_Mannix_-_Uluru_(Ayers_Rock)_at_sunset,_Uluru-Kata_Tjuta_National_Park,_Australia_(by-sa).jpg)>. Acesso em: 27 set. 2011.

Autor: Paul Mannix.



**Figura 6** Floresta Sagrada de Osun-Osogbo, Nigéria (2005). Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rio\\_Osun.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rio_Osun.jpg)>. Acesso em: 17 nov. 2011. Autor: Alex Mazzeto.



**Figura 7** Floresta Sagrada de Osun-Osogbo, Nigéria (2005). Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Templo\\_Osun3.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Templo_Osun3.jpg)>. Acesso em: 17 nov. 2011. Autor: Jurema Oliveira.

Fowler (2003) fez uma análise detalhada das paisagens culturais nos dez primeiros anos de vigência da categoria. Das 30 oficialmente inscritas até 2002, conforme esperado pelos técnicos ligados a UNESCO, 60% eram paisagens evoluídas organicamente e contínuas, totalizando 18 representações. No entanto, contrariando expectativas iniciais, apenas três representavam paisagens claramente definidas; outras três, paisagens-reliquia e seis associativas. Por outro lado, analisando os demais bens inscritos na Lista do Patrimônio Mundial, Fowler (2003) concluiu que mais 70 bens possuíam características passíveis de enquadramento como “paisagem

cultural". Dentre elas pode-se destacar o Palácio e Jardins de Versailles, como paisagens definidas, e Tebas Antiga, no Egito, como paisagem relíquia, ambos inscritos em 1979. Surpreendentemente, Fowler (2003) destaca que mesmo após a vigência da nova categoria, a partir de 1992, algumas paisagens culturais foram classificadas em outras categorias, como foi o caso de oito bens na China.<sup>11</sup>

Outra análise elaborada por Fowler (2003, p. 21), de especial interesse para este estudo, refere-se à questão temática ou tipológica. Foram identificados os principais temas e valores culturais e naturais das 30 paisagens listadas. Vale destacar, primeiramente, que há predominância de paisagens rurais (60%), sobretudo daquelas ligadas à prática da agricultura tradicional (figuras 8 e 9).



**Figura 8** Paisagem rural agrícola: Terraços de Arroz, Philipinas (1995). Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rice\\_Terraces\\_Banaue.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rice_Terraces_Banaue.jpg)>. Acesso em: 19 nov. 2011. Autor: Magalhães.

Embora a classificação de Fowler identifique 23 paisagens culturais com presença de vilas ou cidades, analisando cada uma delas pode-se perceber que, em geral, não são ambientes urbanos de grande escala, típicos dos processos de urbanização industrial do século XX, onde habita a maior parte das populações urbanas. São ambientes urbanos de pequeno porte e muito singulares, vilarejos com arquitetura vernacular (figuras 10 e 11), dentro de ambientes rurais ou periurbanos, como é o caso dos Terraços de Arroz, nas Philipinas, e dos Viñales em Cuba; ou cidadelas com presença de arquitetura monumental, como as do Vale do Loire (figura 12) Saint Emilión, na França, Hallstatt-Dachstein Salzkammergut, na Áustria (figura 13) e Aranjuez, na Espanha; ou, ainda, com arquitetura monumental e vernacular ao mesmo tempo, em região pouco urbanizada, como a Paisagem do Lago Fertő/Neusiedlersee, situada entre a Hungria e a Áustria.

<sup>11</sup> Bens e ano de inscrição na Lista do Patrimônio Mundial: Mountain Resort, 1994; Wudang, 1994; Lushan, 1996; Emeishan, 1996; Suzhou, 1997; Summer Palace, 1998; Wuyishan, 1999; Qingchen, 2000. (FOWLER, 2003).



**Figura 9** Paisagem rural agrícola: Viñales (núcleo urbano), Cuba (1999). Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cuba\\_Vinales\\_Centro.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cuba_Vinales_Centro.jpg)>. Acesso em: 4 dez. 2011. Autor: AxelF.



**Figura 10** Paisagem urbana e rural, com arquitetura vernacular: Paisagem do Núcleo Urbano do Lago Fertő/Neusiedlersee, Áustria e Hungria (2001). Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Podersdorf\\_von\\_Westen\\_2010.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Podersdorf_von_Westen_2010.jpg)>. Acesso em: 21 nov. 2011. Autor: Aisano/ RICOH R10 User.



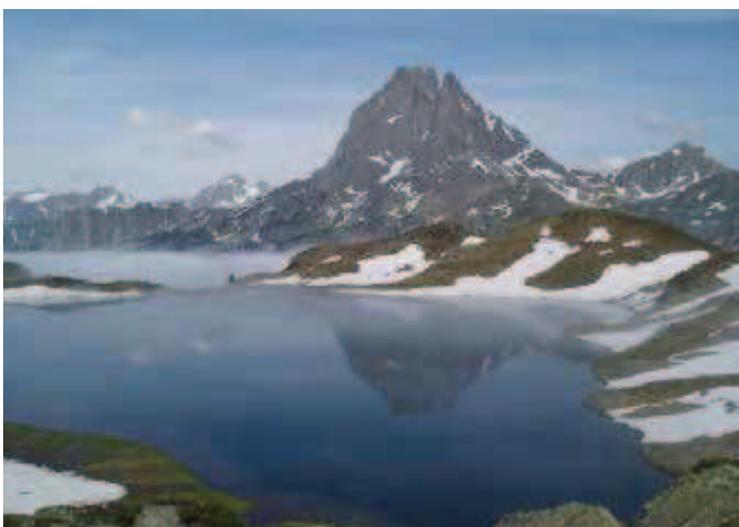
**Figura 11** Paisagem urbana e rural, com arquitetura vernacular: Arquitetura vernacular das aldeias ribeirinhas na Paisagem do Lago Fertő/Neusiedlersee, Áustria e Hungria (2007). Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/perledivetro/468607112/in/photostream/>>. Acesso em: 4 nov. 2011. Autor: Eva Bittermann.



**Figura 12** Paisagem urbana com arquitetura monumental: Vale do Loire – Chinon, França (2000). Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ch%C3%A2teau\\_Chinon.JPG](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ch%C3%A2teau_Chinon.JPG)>. Acesso em: 19 nov. 2011.  
Autor: Touriste.



**Figura 13** Paisagem urbana com arquitetura monumental: Hallstatt-Dachstein Salzkammergut, Áustria (1997). Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ch%C3%A2teau\\_Chinon.JPG](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ch%C3%A2teau_Chinon.JPG)>. Acesso em: 19 nov. 2011.  
Autor: Pipimaru.



**Figura 14** Paisagem e patrimônio natural: Pirineus – Mont Perdu, França e Espanha (1999). Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pic-du-midi-dossau.jpg?uselang=pt-br>>. Acesso em 4 dez. 2011  
Autor: Ian Grant.

Quanto aos valores naturais, destacam-se a presença de elementos importantes, como as montanhas e a água (rios, lagos, mares) em 13 e 19 paisagens, respectivamente, como ilustram o Mont Perdu, entre a França e a Espanha, e o Istmo de Curonian, entre a Lituânia e a Rússia. Também há destaque para a preservação de ecossistemas e da biodiversidade, por meio de Parques Nacionais com dez representações, como o Tongariro National Park, na Nova Zelândia. Todavia, os critérios de valores naturais para a justificativa do Valor Excepcional Universal foram atribuídos à apenas três dos bens inscritos no primeiro decênio.



**Figura 15** Paisagem e patrimônio natural: Curonian Spit, Lituânia/Rússia (2000). Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pilkopis1.JPG>>. Acesso em: 4 dez. 2011.  
Autor: Rimantas Lazdynas.

Segundo o autor, dentre os aspectos imateriais, 17 paisagens são ou contêm elementos que constituem significados importantes para a identidade nacional ou de um grupo social local, como Uluru-Kata Tjuta National Park, na Austrália, e 12 apresentam forte dimensão religiosa ou sagrada, a exemplo do Vat Phou na República Democrática do Lao (figura 16), que, embora seja um patrimônio arqueológico, foi inscrito como paisagem cultural devido também à intensa apropriação religiosa do lugar. Acrescenta ainda que, em 14 dos 30 bens listados, a população residente local é parte importante da paisagem cultural e, portanto, de sua gestão. Embora o autor destaque a qualidade estética como um valor relevante em apenas 19 paisagens, esta qualidade está certamente presente em todas elas.



**Figura 16** Paisagens com forte dimensão imaterial: Vat Phou, Lao (2001). Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:ViewFromWatPhu.JPG?uselang=pt-br>>. Acesso em: 4 dez. 2011. Autor: Mattun0211.

Ao estender esta análise às paisagens culturais inscritas no segundo decênio<sup>12</sup>, entre 2003 e 2012, verifica-se ainda a predominância das paisagens evoluídas organicamente e contínuas, com 57,6% do total, seguidas das paisagens-relíquia e das associativas. Já as paisagens claramente definidas não chegam a representar 10% dos bens inscritos.

**Tabela 1** Classificação das Paisagens Culturais (1992-2012)

Subcategoria	Número de bens listados	%
Paisagem claramente definida	7	8,3
Paisagem evoluída organicamente		
Relíquia	15	17,6
Contínua	49	57,6
Paisagem associativa	14	16,5
Total	85	100

Fonte: Análise e categorização elaborada por Vanessa Gayego Bello Figueiredo, com base em documentos da UNESCO (vide bibliografia) e na lista de paisagens culturais disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/culturallandscape>>. Acessos em: 27 jul. 2011, 28 ago. 2012 e 3 jul. 2013.

Foram analisados também os elementos ou atributos naturais presentes e valorados, assim identificados: montanha, rio, mar, lago, vegetação, biodiversidade, vulcão, deserto, duna, caverna e cachoeira. A primeira constatação é que a natureza está de fato onipresente nas paisagens culturais inscritas, com destaque para as formações montanhosas, em 73% dos bens; a vegetação, em 58%; os rios, em 32%; o mar, em 21%; lagos, em 15%. Embora as paisagens revelem aspectos de grande beleza cênica, como é possível notar nas imagens apresentadas neste artigo, e relevância

<sup>12</sup> Análise da autora.

quanto aos atributos ambientais de biodiversidade e ecossistemas (15%), menos de 10% dos bens obtiveram os critérios de valor natural estabelecidos pela UNESCO. Já os vulcões, desertos, as dunas e cachoeiras aparecem em minoria (cerca de 3% cada), e as cavernas estão presentes em 7% dos bens.



**Figura 17** Formações montanhosas em destaque na paisagem: paisagem com formações montanhosas de grande expressão: Le Morne, nas Ilhas Maurítius, 2008.  
Fonte: Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mauritius\\_PeterBoth.JPG?uselang=pt-br](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mauritius_PeterBoth.JPG?uselang=pt-br)>. Acesso em: 04 dez. 2011.  
Autor: B. Navez.

O estudo contemplou, ademais, a análise dos principais atributos do patrimônio cultural reconhecidos, identificados como: arqueológico, arquitetura monumental, arquitetura vernacular, urbano, industrial, rural (agrícola e pastagens), paisagístico (projetado) e imaterial (dentre os quais estão inclusos os valores religiosos ou sagrados). Embora os ambientes rurais ainda representem a maior parcela dos bens listados, com 43,5%, os valores arqueológicos despontaram no segundo decênio, somando 41%, presentes em 35 dos 85 bens listados, a exemplo do Vale de Bamiyan (figura 18), com remanescentes arqueológicos de estátuas monumentais de Buda, no Afeganistão, e dos Refúgios Rupestres de Bhimbetka, na Índia (figura 19).



**Figura 18** Paisagens com valores arqueológicos: Vale de Bamiyan, Afeganistão, 2003. Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sunrise\\_of\\_Bamyan\\_Valley.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sunrise_of_Bamyan_Valley.jpg)>. Acesso em: 4 dez. 2011.  
Autor: Afghanistan Matters/ Eric Sutphin.

Dentre as paisagens rurais, prevalecem ainda os ambientes de cultura agrícola (35%), com destaque para as paisagens vinícolas europeias, como Saint Emilion (1999) e o Vale do Loire (2000), na França (figuras 20 e 12); a Região do Alto Douro (2001) e Pico Island (2004), em Portugal (figuras 21 e 22); Wachau (2000), na Áustria (figura 23); a Região de Fertő/Neusiedlersee (2001), situada na fronteira entre a Hungria e a Áustria (figura 10); a Região de Tokaj (2002), na Hungria; Lavaux (2007), na Suíça (figura 24).



**Figura 19** Paisagens com valores arqueológicos: Refúgios Rupestres de Bhimbetka, Índia, 2003. Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bhimbetka\\_Cave\\_Paintings.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bhimbetka_Cave_Paintings.jpg)>. Acesso em: 6 dez. 2011. Autor: Raveesh Vyas.



**Figura 20** Paisagens vinícolas europeias: Paisagem Cultural de Saint Emilion, França (1999). Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Saint\\_%C3%89milion\\_Wine\\_Country.jpg?uselang=pt-br](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Saint_%C3%89milion_Wine_Country.jpg?uselang=pt-br)>. Acesso em: 4 dez. 2011. Autor: Marrovi.



**Figura 21** Paisagens vinícolas europeias: Ilha do Pico, paisagem com o vulcão ao fundo, Portugal (2004). Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:PIC\\_LAJ\\_Lajes\\_do\\_Pico.JPG?uselang=pt-br](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:PIC_LAJ_Lajes_do_Pico.JPG?uselang=pt-br)>. Acesso em: 4 dez. 2011.  
Autor: Ruben JC Furtado.



**Figura 22** Paisagens vinícolas europeias: cultura vinícola na Ilha do Pico, Portugal (2004). Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Landscape\\_of\\_the\\_Pico\\_Island\\_Vineyard\\_Culture.jpg?uselang=pt-br](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Landscape_of_the_Pico_Island_Vineyard_Culture.jpg?uselang=pt-br)>. Acesso em: 4 dez. 2011.  
Autor: Ulrich Thumult.



**Figura 23** Paisagens vinícolas europeias: Wachau, Áustria (2000). Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Wachau\\_east.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Wachau_east.jpg)>. Acesso em: 19 nov 2011.  
Autor: Xell.



**Figura 24** Paisagens vinícolas europeias: Lavaux Vineyard Terraces, Suíça (2007). Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lavaux\\_-\\_Rivaz.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lavaux_-_Rivaz.jpg)>. Acesso em: 19 nov. 2011.  
Autor: Attila Terbócs, User Pasztilla.

Outras culturas agrícolas tradicionais também estão presentes, como a Paisagem Cultural do Agave (figura 25), para a produção de tequila, no México (2006); os sistemas de captação de água para o cultivo em terraços na serra de Tramuntana, na Ilha de Mallorca, Espanha (2011); Bali, na Indonésia (2012) (figura 26) e Bassari, Fula e Bedik, no Senegal (2012).



**Figura 25** Paisagem rural agrícola: Paisagem Cultural do Agave, México (2006). Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Atotonilco\\_Jalisco\\_\(Agaves\).JPG](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Atotonilco_Jalisco_(Agaves).JPG)>. Acesso em 4 dez. 2011.  
Autor: Marrovi.



**Figura 26** Paisagem rural agrícola: Paisagem Cultural de Bali, Indonésia (2012). Terraços de cultivo de arroz e sistema subak de irrigação. Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bali\\_panorama.jpg?uselang=pt-br](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bali_panorama.jpg?uselang=pt-br)>. Acesso em: 3 set. 2012.  
Autor: Não identificado.

Entretanto, ao contrário do que se esperava para esta categoria, a arquitetura monumental (figura 27), recorrente na Lista do Patrimônio Mundial, ainda garante grande presença nas paisagens culturais (mesmo em áreas rurais ou periurbanas), somando 36,5%, contra apenas 13% da arquitetura vernacular (figura 28).



**Figura 27** Arquitetura Monumental na Paisagem Cultural de Bali, Indonésia (2012). Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/File:1\\_pura\\_taman\\_ayun\\_bali\\_2011.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/File:1_pura_taman_ayun_bali_2011.jpg)>. Acesso em: 3 set. 2012.  
Autor: Chensiyuan.



**Figura 28** Arquitetura Vernacular na Paisagem Cultural de Koutammakou, Togo (2004). Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/erikkristensen/197025831/sizes/o/in/set-72157594209978345/>>. Acesso em: 3 set.2012.  
Autor: Erik Cleves Kristensen.

Embora o valor imaterial das paisagens tenha reconhecimento em apenas 26% dos bens, como o Monte Kii, no Japão (figura 30), o caso do parque de Lushan, na China (figura 29), ilustra uma questão de extrema relevância para a discussão do conceito de paisagem cultural. Inscrito em 1996, como conjunto de bens culturais, e protegido, sobretudo, pelos valores estéticos de sua arquitetura e natureza monumentais e pelo significado religioso, teve, em 2010, reconhecido também o seu ambiente natural como meio para a prática espiritual – por isto migrou para a categoria paisagem cultural, evidenciando o alargamento e a simbiose de valores característicos desta categoria.

O mesmo ocorreu com o parque Uluru-Kata Tjuta, na Austrália (figura 5), que foi reconhecido em 1987 como patrimônio natural exclusivamente em seus valores ecológicos e para a proteção da biodiversidade. Em 1994, migrou para a categoria paisagem cultural em função do reconhecimento dos valores imateriais atribuídos ao sítio pelas comunidades locais – que, entre outras questões, não poderiam ser proibidas do acesso à área protegida e de suas práticas místicas no lugar.



**Figura 29** Paisagem com valores imateriais: Parque Nacional de Lushan, China (2010). Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:%E5%BA%90%E5%B1%B1%E6%97%A5%E5%87%BA.JPG#filelinks>>. Acesso em: 3 set. 2012.  
Autor: Chenyun.



**Figura 30** Paisagem com valores imateriais: Sítios sagrados e rotas de peregrinação do Monte Kii, Japão (2004). Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mt\\_Koya\\_monks.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mt_Koya_monks.jpg)>. Acesso em: 6 dez. 2011.  
Autor: Ultratomio.

Vale apontar, ainda, que as paisagens industriais, representadas apenas por Blaenavon (figura 29), no primeiro decênio tiveram um aumento considerável, com a inclusão de mais seis bens. Dentre elas destacam-se as paisagens da mineração de Cornwall (Reino Unido); as Minas de Prata de Iwani Ginzan (Japão); Nord-Pas-de Calais (França) e o patrimônio ferroviário da Rhaetian Railway, com magníficas obras de engenharia, pontes e túneis na belíssima paisagem entre os Alpes Suíços e a Itália (figuras 30 e 31). Contraditoriamente, algumas paisagens culturais industriais foram incorporadas à Lista do Patrimônio Mundial em outras categorias, como é o caso das Minas e do Centro Histórico de Goslar (Alemanha) e da Vila de Sewell (Chile), nomeadas em 1992 e 2006, respectivamente.



**Figura 31** Paisagens Industriais: Paisagem Industrial de Blaenavon (valor arqueológico), Reino Unido (2000). Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Blaenavon\\_Ironworks-Wales-3Nov2006.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Blaenavon_Ironworks-Wales-3Nov2006.jpg)>. Acesso em: 28 set. 2011.  
Autor: Cedwyn Davies.



**Figura 32** Paisagens Industriais: Paisagem Ferroviária da Rhaetian Railway, (Itália e Suíça, 2008). Lago Bianco e Rhaetian. Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:RhB\\_ABe\\_4-4\\_III\\_mit\\_Bernina\\_Express\\_am\\_Lago\\_Bianco.jpg?uselang=pt-br](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:RhB_ABe_4-4_III_mit_Bernina_Express_am_Lago_Bianco.jpg?uselang=pt-br)>. Acesso em: 21 nov. 2011.  
Autor: Kabelleger



**Figura 33** Paisagens industriais: Túneis e pontes da Rhaetian. Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:RhB\\_Ge\\_4-4\\_III\\_UNESCO\\_Weltkulturerbe\\_auf\\_Landwasserviadukt.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:RhB_Ge_4-4_III_UNESCO_Weltkulturerbe_auf_Landwasserviadukt.jpg)>. Acesso em: 21 nov. 2011. Autor: David Gubler.

Já o valor paisagístico, aquele criado pelo homem, com uma intenção de projeto da paisagem – ou “claramente definido”, como designa a UNESCO – está presente em apenas nove das 85 paisagens listadas.

Outra referência sobre as principais questões temáticas abordadas pode ser encontrada na análise dos encontros mundiais de especialistas. Até 2007, foram promovidos pela UNESCO 26 encontros ou reuniões sobre “paisagem cultural”. Alguns deles foram dedicados à discussão sobre critérios e metodologias de classificação, avaliação, conservação e gestão, mas no tocante às discussões de temas específicos, a grande maioria abordou as paisagens rurais ou periurbanas e atividades agrícolas (UNESCO, 2009).

#### **4 REFLEXÕES FINAIS: AVANÇOS, INCOERÊNCIAS E NOVAS PERSPECTIVAS**

Dentre os avanços proporcionados pela existência da nova categoria “paisagem cultural”, pode-se elencar, certamente, a sua importância na ampliação do conceito e tipologias de patrimônio, sobretudo por meio da atribuição de valor às paisagens rurais com técnicas de agricultura tradicional e aos valores imateriais associados. Inclusive, é relevante destacar que a referida categoria deu um passo significativo no reconhecimento dos valores imateriais, sobretudo daqueles associados ao meio ou à paisagem, antecipando o reconhecimento formal da UNESCO<sup>13</sup>.

Ademais, a análise aqui apresentada coaduna-se à definição reiterada pela UNESCO em 2009, quando a instituição ressaltou o valor da relação espiritual com a natureza e das culturas tradicionais para o uso sustentável da terra e a manutenção da biodiversidade, incorporando definitivamente, neste último caso, o ideário de sustentabilidade da Convenção Europeia da Paisagem:

---

<sup>13</sup> Em 1997 a UNESCO criou a chancela do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade e, em 2003, a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial.

O termo “paisagem cultural” abrange uma grande variedade de manifestações interativas entre o homem e seu ambiente natural. As paisagens culturais, muitas vezes, refletem técnicas específicas de utilização sustentável das terras, tendo em conta as características e os limites do ambiente natural em que estão estabelecidas assim como uma específica relação espiritual com a natureza. A proteção de paisagens culturais pode contribuir para técnicas modernas de uso sustentável e o desenvolvimento da terra, ao mesmo tempo conservando ou melhorando os valores naturais da paisagem. A existência permanente de formas tradicionais de utilização de terras sustenta a diversidade biológica em muitas partes do mundo. A proteção da paisagem cultural tradicional, portanto, é útil para a manutenção da biodiversidade. (UNESCO/ICOMOS, 2009, p. 9, tradução de Vanessa Gayego Bello Figueiredo).

Esta busca por compreender, de forma associada, as dimensões materiais, imateriais, culturais e naturais dos patrimônios, mesmo focada nos ambientes rurais ou periurbanos, tem exigido uma abordagem integrada de gestão e a participação das comunidades locais, tornando-as agentes imprescindíveis à preservação. Estas, portanto, passam a ser exigências primordiais do Comitê do Patrimônio Mundial nos últimos anos, constituindo-se como os principais desafios a serem enfrentados no campo das políticas de patrimônio.

Tal ampliação conceitual e tipológica representa ainda um importante passo para o reconhecimento da diversidade cultural mundial, significando uma nova porta de entrada para as manifestações culturais de países menos representados, como os da África e Ásia, embora 51% dos bens classificados até 2009 ainda estejam na Europa. Entre 2010 e 2012, são classificados mais 16 bens, sendo apenas três europeus, alterando substancialmente esta distribuição.

Por outro lado, se voltarmos aos apontamentos de Cauquelin (1998) sobre a noção ocidental da paisagem pictórica perspectiva e sua forte relação com a natureza, constataremos que todas as paisagens culturais inscritas respondem a estes atributos. Talvez por isto exista forte presença dos ambientes pouco modificados pelo homem, como os rurais e periurbanos com culturas tradicionais e sustentáveis (43,5%), ou de paisagens com vestígios arqueológicos (41%), onde esta construção pictórica é mais evidente – e sua relativa estabilidade, integridade e autenticidade constituem fatores relevantes para a nomeação e o desenvolvimento das políticas de preservação.

As paisagens urbanas de cidades consideradas de grande porte, de fato não tiveram espaço nesta categoria. Não por não serem “culturais”, como preconizava Sauer desde 1925 (RIBEIRO, 2007), mas por serem de difícil percepção, tanto do ponto de vista óptico e material, quanto social e imaterial. Nestas paisagens urbanas, geralmente densas de conjuntos edificadas heterogêneas e verticalizadas, a linha do horizonte, a profundidade e a relação mais explícita com os elementos naturais se perdem, desconstruindo aquela ideia dominante de paisagem. Além disto, a multiplicidade cultural presente nos lugares urbanos expõe uma complexidade bastante difícil de compreender e, sobretudo, de preservar e gerenciar; enquanto nos ambientes

rurais e arqueológicos há predominância de uma cultura, uma técnica, uma tradição e uma nítida, bela e ideal paisagem a preservar. Outros fatores importantes quanto aos requisitos para o reconhecimento como patrimônio mundial são a excepcionalidade, a integridade e a autenticidade, bastante complicados de identificação e justificativa nas paisagens urbanas, que são, em sua maioria, ordinárias e dinâmicas, justapondo vários períodos da urbanização e múltiplas culturas, além dos problemas urbanos típicos dos processos de segregação espacial, especulação imobiliária e degradação ambiental.

Outrossim, fazer a gestão do conflito entre preservação e desenvolvimento em ambientes dinâmicos e complexos, como os urbanizados, é algo muito mais difícil. Embora o conceito de paisagem cultural traga como uma de suas premissas a preservação com sustentabilidade (no sentido de não impedir as mudanças, mas direcioná-las a favor do patrimônio), ao observar as práticas mais correntes das instituições responsáveis pelo patrimônio, constata-se que a toada dominante ainda é a da intocabilidade dos bens.

Foram estas questões, aliadas à condução política e diplomática desastrosa, que levaram a UNESCO a retirar da Lista do Patrimônio Mundial, em 2009, a Paisagem Cultural do Vale do Elba, em Dresden, na Alemanha. Nomeado em 2004, foi retirado em virtude de uma polêmica quanto à construção de mais uma ponte transpondo o rio para desafogar o intenso tráfego da área central. Segundo a UNESCO, a ponte causaria grande interferência na paisagem, desconstruindo alguns ângulos de visão daquele ideal ocidental de paisagem (UNESCO, 2013). Embora haja justificativa técnica, a decisão do Comitê, tomada em votação fechada, teve forte motivação política.

Há alguns anos, a UNESCO vem ameaçando a retirada de bens da Lista do Patrimônio Mundial em virtude de problemas de preservação e gestão. O caso de Dresden foi tomado como exemplar, visto que o governo local desafiou a UNESCO quando resolveu consultar a população, através de um plebiscito, questionando sua preferência em construir a ponte e desafogar o tráfego ou permanecer com o título de Patrimônio Mundial. A população preferiu a ponte. Até hoje foram retirados apenas dois bens da Lista – o outro, um patrimônio natural.

A partir daí, começam a ocorrer fatos atípicos, inusitados até, na prática do Comitê do Patrimônio Mundial – não por acaso, nesta categoria. Em agosto de 2012, a lista de paisagens culturais foi atualizada no site da UNESCO, incluindo os bens inscritos em 2010 e 2011. Além dos novos bens, foram migrados 15 bens listados em outras categorias nos anos 1980 e 1990. Embora a mudança de categoria não seja algo incomum, o que chamou atenção foi a grande quantidade e sua breve permanência, pois em 2013 já não constavam mais 14 deles<sup>14</sup>, restando apenas o Parque Nacional de Lushan (China), já mencionado (figura 27).

---

<sup>14</sup> São eles: oito bens no México (os centros históricos de Zacatecas, Morelia, Puebla, Guanajuato e suas minas, da Cidade do México e Xochimilco, de Oaxaca e zona arqueológica do Monte Albán, a Zona de monumentos históricos de Querétaro e Tlacotalpán); dois em Mali (Cidades Antigas de Djenné e Timbuktu); a Cidade de Vallette em Malta; Antigos ksurs de Uadane, Chingueti, Tichit y Ualata na Mauritania e a Cidade Mineira de Røros na Noruega. A coordenadora de Paisagem Cultural da UNESCO, Mechtild Rössler, respondeu à autora via e-mail, em junho de 2013, que muitos países discordaram da mudança de categoria e solicitaram o retorno.

Deste episódio vale destacar dois casos. A Cidade Mineira de Røros (Noruega), inscrita em 1980 como sítio histórico (figura 32), teve sua nomeação estendida em 2010, durante a 34ª Reunião do Comitê do Patrimônio Mundial, em Brasília, para além do núcleo urbano, “englobando uma série de paisagens culturais de caráter industrial e rural, como a fundição Femndsytta e a Rota de Transporte de Inverno”<sup>15</sup>. Além do uso do termo constar na própria justificativa, a extensão envolve a ampliação de perímetro, incorporando outros bens e valores culturais plenamente identificáveis como paisagem cultural, tornando a retirada deste bem um ato incompreensível.



**Figura 34** Bens transferidos e retirados da categoria paisagem cultural: Cidade Mineira de Røros, Noruega (2010). Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:RorosViewFromSlagHeaps.jpg?uselang=pt-br>>. Acesso em: 28 ago. 2012.  
Autor: China Crisis.



**Figura 35** Bens transferidos e retirados da categoria paisagem cultural: ruínas Astecas na Cidade do México, 2008. Foto: Vanessa Gayego Bello Figueiredo.

O Centro Histórico da Cidade do México, numa das cidades mais populosas do planeta, embora tivesse desde sua nomeação, em 1987, o reconhecimento da sobreposição da cultura espanhola sobre a asteca e sua influência, teve sua

<sup>15</sup> Disponível em: <[whc.unesco.org/em/news/643](http://whc.unesco.org/em/news/643)>. Acesso em: 3 jul. 2013.

valoração ancorada, principalmente, nos aspectos urbanísticos e arquitetônicos da cultura espanhola<sup>16</sup>. As numerosas descobertas arqueológicas de ruínas astecas (figura 33) sob a cidade espanhola, sua integridade e autenticidade, o esforço dos governos locais na elaboração de planos de gestão participativos, bem como a melhor compreensão desta simbiose cultural e sua forte dimensão imaterial na atual sociedade mexicana, poderiam ter ancorado a justificativa do seu enquadramento como paisagem cultural. Isto, ainda associado aos únicos remanescentes da paisagem lacustre da antiga capital asteca, no sítio de Xochimilco (à distância de 28 quilômetros do centro histórico), com seus pequenos canais, ilhotas e jardins flutuantes, construindo uma belíssima paisagem “nem natural, nem artificial”, que hoje abriga uma reserva ecológica, ilustrando outra vez a relação harmoniosa entre o homem, a natureza e a sustentabilidade.

De qualquer maneira, a intenção de transferência de bens anteriormente inscritos como “centros, cidades ou sítios históricos” para a categoria paisagem cultural aponta uma relevante ampliação de valores e bens a serem preservados. Esta medida, como já dito, implicaria novas formas de gestão, integradas, participativas e mais complexas, exigindo mais dos Estados-parte. Provavelmente, este seja o principal receio destes em migrar para a nova categoria.

Como visto, o debate e os diversos conflitos de compreensão do conceito de paisagem cultural, enquadramento, valoração e gestão dos bens têm gerado fortes atritos entre técnicos e governos. Por isto, a UNESCO vem esboçando uma nova recomendação, endossando o termo “paisagem histórica urbana”. Um primeiro conjunto de princípios foi traçado na conferência internacional *Patrimoine mondial et architecture contemporaine – Gestion du paysage urbain historique* (UNESCO, 2008b), realizada em Viena, Áustria, em 2005. Do chamado “Memorandum de Vienne” destaca-se, como principal desafio, responder à dinâmica do desenvolvimento socioeconômico, respeitando a herança histórica urbana, bem como sua configuração espacial, exigindo uma política de gestão urbana que tenha como ponto de partida a conservação, sobretudo dos aspectos de integridade e autenticidade das cidades históricas.<sup>17</sup>

Em maio de 2011, durante uma Reunião Intergovernamental de Especialistas, foi anunciado o projeto final do texto da recomendação, aprovado por 55 países membros. O documento foi ratificado na 36ª Sessão da Conferência Geral, realizada

---

<sup>16</sup> “A capital da Nova Espanha, caracterizada pelo seu plano em xadrez, seus espaços e ruas regulares e o esplendor de sua arquitetura, é um exemplo fundamental de um sítio tipicamente espanhol do novo mundo.” Disponível em: <http://whc.unesco.org/fr/list/412/>. Acesso em: 3 set. 2012. Tradução da autora.

<sup>17</sup> “O principal desafio da arquitetura contemporânea diante da paisagem histórica urbana é responder a uma dinâmica de desenvolvimento para facilitar, por um lado, as reformas socioeconômicas e o crescimento, respeitando a paisagem urbana e seu legado, e, por outro, sua configuração. As cidades históricas vivas, incluindo as do Patrimônio Mundial, exigem uma política de planejamento urbano e gestão que tome a conservação como ponto de partida. Neste processo, a autenticidade e a integridade das cidades históricas, que são determinadas por vários fatores, não devem ser comprometidas.” (UNESCO, 2005, p. 3. Tradução da autora).

no mesmo ano. Assim, o novo termo, que ainda não se constitui como categoria<sup>18</sup> poderá ser incluído no texto das Diretrizes Operacionais da Convenção do Patrimônio Mundial, instituídas em 1972. O documento adotado acrescenta apenas um glossário de terminologias e define:

A paisagem histórica urbana é o território urbano compreendido como resultado de uma estratificação histórica de valores e atributos naturais e culturais, ultrapassando os conceitos de “centro histórico” ou “conjunto histórico” para incluir o contexto urbano mais abrangente e seu ambiente geográfico. Este contexto mais amplo compreende notadamente a topografia, a hidrologia, a geomorfologia e as características naturais do sítio, seu ambiente construído, tanto histórico quanto contemporâneo, suas infraestruturas na superfície e nos subterrâneos, seus espaços verdes e jardins, a ocupação do solo e a organização do espaço, as percepções e relações visuais, assim como todos os outros elementos constitutivos da estrutura urbana. Engloba também as práticas e os valores sociais e culturais, os processos econômicos e as dimensões intangíveis do patrimônio como um vetor de diversidade e identidade. (UNESCO, 2011a, p. 6. Tradução da autora).

Como é possível perceber, o conceito de “paisagem histórica urbana” não se forjou apenas para dar o devido lugar aos ambientes urbanos complexos e de grande escala, complementando a concepção mais particular de paisagem cultural praticada pela UNESCO, mas também para ajustar a compreensão dos termos “centro histórico” e “conjunto histórico” – observados apenas em sua morfologia urbana e tratados, frequentemente, como objetos físicos desconectados, conjuntos arquitetônicos de valor artístico excepcional, ou “distritos especiais”<sup>19</sup> desconsiderando suas relações urbanas, sociais, geográficas, ambientais e imateriais mais amplas e interdisciplinares. Visão esta que resulta, no âmbito da gestão, em geral, apenas no tratamento fachadístico do casco histórico. Lembrando ainda que os centros, bairros e cidades históricas constituem uma categoria muito representada na Lista do Patrimônio Mundial, com mais de 250 bens.

O Brasil, por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), não ratificou a proposta por considerar inócua a conceituação de uma tipologia que parta de uma terminologia menos abrangente do que *cultural*, por maior que seja a abertura dada ao termo *histórico*. Advoga que não se faz necessária a criação de um novo conceito, mas sim a revisão de orientações metodológicas e da prática institucional, considerando as especificidades atuais da vida e da dinâmica urbana:

---

<sup>18</sup> Ainda não consta na atualização mais recente do Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention da UNESCO de 2012.

<sup>19</sup> “[...] les processus de gestion urbaine doivent dépasser la notion traditionnelle qui fait des centres historiques et de leurs alentours des ‘districts spéciaux’ et élargir le contexte en termes à la fois de paysages et de valeurs à préserver.” (UNESCO, 2008b, p. 3).

○ conceito paisagem histórica urbana, assim, parece um subterfúgio para evitar valorizar o conceito de paisagem cultural aplicado a contextos urbanos, esse sim capaz de abarcar a somatória de realizações e imbricações entre natureza e cultura, em todas as suas dimensões.<sup>20</sup>

Concordando com o posicionamento do IPHAN, o próprio adjetivo “cultural” enamorado ao patrimônio já contribui para alargar o conceito e as tipologias de patrimônio, tal como estabelece nossa Constituição Federal de 1988. Ademais, a noção de paisagem cultural delineada na Recomendação R(95)9 é suficiente para abarcar os ambientes urbanos de grande porte, sem excluir os demais (rurais, periurbanos, naturais, paisagens associativas e projetadas, etc). Neste sentido, certamente o termo paisagem histórica urbana significa uma redução. Por outro lado, se analisado no contexto de construção dos conceitos e categorias de patrimônio da UNESCO, representa um relativo alargamento que complementa a noção de centro e cidade histórica, tão imprecisos e restritivos, bem como a de paisagem cultural praticada até o momento.

Inobstante, cabe apontar que o debate técnico sobre a paisagem histórica urbana no âmbito do Centro do Patrimônio Mundial e do International Council on Monuments and Sites – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) ainda tem gerado demasiada polêmica. Embora a terminologia venha se clarificando, não há consenso se permanecerá apenas como um conceito ou se será efetivada como categoria – ou como subcategoria dentro da paisagem cultural ou dentro da categoria cidade histórica<sup>21</sup>. Mas, se como conceito já suscita intensos embates, como categoria de patrimônio, em que pese sua intenção complementar, gerará ainda mais problemas de enquadramento e reconhecimento de valores, tendo em vista a excessiva categorização já existente. Estes embates ajudam a compreender a ocorrência da migração e do retorno dos 14 centros e sítios históricos. Sem descartar estes conflitos, o que importa perceber é que uma compreensão mais alargada, mais complexa, integrada e interdisciplinar está em gestação, também para a abordagem das grandes cidades.

Neste contexto, traz especial contribuição ao presente debate o processo que levou à recente nomeação do Rio de Janeiro (figura 34) como paisagem cultural, em torno de uma discussão que levou mais de dez anos. Em 1996 o Brasil apresentou à Lista indicativa da UNESCO monumentos arquitetônicos isolados, como a Igreja e Monastério de São Bento e a obra modernista do Palácio da Cultura, antiga sede

---

<sup>20</sup> Documento do IPHAN: Posicionamento do Brasil sobre o documento Recomendações referentes à Paisagem Histórica Urbana-UNESCO, 2011.

<sup>21</sup> Em 2013, a UNESCO publicou o paper *Une nouvelle vie pour les Villes anciennes: Petit guide d'utilisation de l'approche centrée sur le paysage urbain historique* na seção que trata da categoria cidade histórica. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/fr/actualites/1026/>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

do Ministério da Educação e Saúde<sup>22</sup>. Em 2001, foi enviado outro dossiê, elaborado pelo Ministério do Meio Ambiente, com enquadramento na categoria misto, mas focando os valores naturais. De fato, tal inscrição causou um nó conceitual e de enquadramento na UNESCO. Primeiramente, porque a justificativa dos valores naturais diante da pressão do ambiente urbano não convenceu. Por outro lado, alocar esta candidatura na categoria centro ou cidade histórica não sustentaria os critérios de valor excepcional universal, tampouco os de autenticidade e integridade, ainda prejudicados pelos processos de abandono e transformação urbana das áreas antigas (ademais, estas não representariam a totalidade da cidade em sua expressão cultural). Por outro lado, também não se adequaria à noção de paisagem cultural, tal como praticada pela UNESCO nos dos últimos anos, devido à grande escala urbana.

Em 2003, a International Union for Conservation of Nature (IUCN) e o ICOMOS não acataram a inscrição, mas acabaram sugerindo o enquadramento na categoria paisagem cultural. Foi então elaborado um novo documento, apresentando a paisagem carioca. Todavia, o mesmo voltou inúmeras vezes para reelaboração, exatamente para “resolver” ou, mais precisamente, evitar a inclusão de áreas urbanas e da “problemática do desenvolvimento”. Desta maneira, na aprovação de 2012, o centro histórico foi retirado e os elementos da paisagem carioca valorados e nomeados contemplam elementos naturais de grande expressão, aliados a monumentos e paisagens criadas intencionalmente pelo homem, além de sua importância imaterial.

As montanhas, a vegetação e o mar são elementos estruturais presentes no Parque Nacional, na Floresta da Tijuca, Pedra da Gávea, Pedra Bonita, Serra da Carioca, nas colinas que rodeiam a Baía de Guanabara e na “ampla paisagem da praia de Copacabana”. Alguns monumentos marcam esta paisagem, como o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e os fortes de Niterói. Foram incluídas paisagens projetadas pelo homem, como o Jardim Botânico, o Passeio Público, Parque do Flamengo e Copacabana, os dois últimos concebidos pelo conhecido paisagista brasileiro Roberto Burle Marx (1909-1994). Embora dentro do perímetro nomeado, estas paisagens projetadas não foram reconhecidas em seu valor artístico, expresso no critério primeiro, recusado pela UNESCO<sup>23</sup>. Destaca-se também o valor imaterial destas paisagens no imaginário social, expresso em diversas representações literárias, pictóricas, televisivas e musicais que projetaram a cidade e a cultura carioca ao mundo. Por outro lado, a área urbana entre o mar e a montanha, nos arredores da lagoa Rodrigo de Freitas, não foi nomeada e consta apenas como “entorno”. A praia de Ipanema, *locus* de uma das mais famosas músicas brasileiras, não consta nem como entorno, pois a UNESCO entendeu que a “praia” já estaria “representada” por Copacabana.

---

<sup>22</sup> Ainda constante da atual Lista apresentada à UNESCO em 2004. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/tentativelists/state=br>>. Acesso em: 3 set. 2012.

<sup>23</sup> “Representar uma obra-prima do gênio criador humano.” (UNESCO, 1972).



**Figura 36** Paisagem com fortes atributos naturais, paisagísticos, imateriais e monumentos: Paisagem Cultural do Rio de Janeiro, Brasil, 2012. Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Christ\\_on\\_Corcovado\\_mountain.JPG](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Christ_on_Corcovado_mountain.JPG)>. Acesso em: 3 set. 2012.  
Autor: Artyominc e Piisamson./Artyom Sharbatyan.

Neste sentido, o IPHAN logrou uma vitória histórica ao defender e aprovar esta candidatura, embora tenha, para isto, precisado reduzir a paisagem cultural do Rio de Janeiro àquilo que fosse mais aceitável ao olhar eurocêntrico, ainda balizador da longa construção que é a noção de patrimônio. Embora esta seja efetivamente a primeira paisagem cultural em ambiente urbano de grande escala, visto que a Cidade do México foi retirada, corrobora aqui com a argumentação de Anne Cauquelin (1998) a máxima atribuída ao músico e poeta carioca Vinícius de Moraes: “as feias que me desculpem, mas beleza é fundamental.”<sup>24</sup> Outra vez a valoração do patrimônio ancora-se na forte relação entre elementos naturais e a construção pictórica da paisagem, somada ao valor dos monumentos que marcam esta paisagem. Os elementos não conformes são excluídos, resolvendo também o embate entre preservação e desenvolvimento, tão caro a UNESCO. Por outro lado, o IPHAN faz um debate mais ampliado, incluindo as áreas urbanas, o centro histórico e até favelas na discussão, ainda em curso, sobre a Chancela Brasileira da Paisagem Cultural do Rio de Janeiro. Destacando, além disso, a arte da cartaria em gnaisse facoidal, a arquitetura moderna, a musicalidade, o futebol, o samba, a celebração do carnaval, sua importância histórica e econômica como capital do Brasil, a atividade portuária. De qualquer forma, o renascimento da discussão do caráter e das especificidades das áreas urbanas dinâmicas quanto aos seus patrimônios e paisagens, além de evidenciar a multiplicidade de acepções e os conflitos de abordagem, acende ainda mais a expectativa de enfrentamento do embate entre preservação e desenvolvimento.

<sup>24</sup> Neste sentido, Buenos Aires, que também está na Lista indicativa, na categoria paisagem cultural, não tem as mesmas vantagens

No âmbito da gestão, deverá basear-se na articulação entre políticas públicas e instrumentos de diversas áreas, visando à superação das dicotomias e concepções clássicas ainda praticadas. Este, sim, o grande desafio que certamente abrirá novos caminhos à preservação do patrimônio cultural e das paisagens.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÁBALOS, Iñaki. O que é a paisagem? In: **Arquitextos**, ano 05, maio/2004. Disponível em: <[http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq049/arq049\\_00.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq049/arq049_00.asp)>. Acesso em: 5 jul 2011.
- CAUQUELIN, Anne. Paisagem, retórica e patrimônio. In: JEUDY, Henri-Pierre (Org.). **Patrimoines en folie**. Paris: Éditions de la Maison de Science de L'Homme, 1998, p. 24-28.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001. 288 p.
- COUNCIL OF EUROPE. Convención Europea del Paisaje. Council of Europe, France. Sevilla, IAPH, 2000, p. 6-9. (**Boletín Del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico: PH. 33, 2000 december**) (spa).
- CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1986. 202 p.
- FOWLER, Peter J. **World heritage cultural landscapes 1992-2002**. Paris: UNESCO, 2003. 133 p. (Word heritage papers, n. 6). Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/series/6/>>. Acesso em: 3 jul. 2011.
- GOMES, Marco Aurélio Filgueras; CORRÊA, Elyane Lins. (Orgs.). **Reconceituações contemporâneas do patrimônio**, v. 01. Salvador: EDUFBA, 2011. (Coleção ArquiMemória). 254 p.
- ICOMOS. **The world heritage list: filling the gap: an action plan for the future**. Munich: UNESCO, 2004. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/uploads/activities/documents/activity-590-1.pdf>>. Acesso em: 28 jun 2011.
- IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). **Cartas patrimoniais**. 3 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004. 408 p.
- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1985. 227 p.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcances na preservação do patrimônio ambiental urbano. In: **Patrimônio: atualizando o debate**. São Paulo: 9ª. SR/ IPHAN, 2006, p. 33-76.
- METZGER, Jean Paul. O que é ecologia da paisagem? São Paulo: **Biota Neotropica**, v.1, 2001. Disponível em: <<http://www.biotaneotropica.org.br>>. Acesso em: 5 jul. 2011.
- MITCHELL Nora; RÖSSLER Mechtild, TRICAUD, Pierre-Marie (Authors/Ed.). World heritage cultural landscapes: a handbook for conservation and management. In: **World Heritage Papers**, n. 26. Paris: UNESCO, 2009. Disponível em: <<http://whc.unesco.org>>. Acesso em: 6 jul. 2011.
- RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007. 114 p.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1999. 308 p.
- SCIFONI, Simone. **A construção do patrimônio natural**. São Paulo: FFLCH, 2008. 199 p.
- UNESCO. **Déclaration sur la conservation des paysages urbains historiques**. 15AG/WHC-05/15.GA/7. Paris: UNESCO, 2005. Disponível em: <<http://whc.unesco.org>>. Acesso em: 5 jul. 2011.
- \_\_\_\_\_. **Opportunité d'une recommandation sur la conservation des paysages urbains historiques**. Paris: UNESCO, 2008b. Disponível em: <<http://whc.unesco.org>>. Acesso em: 5 jul. 2011.
- \_\_\_\_\_. **Managing Historic Cities World Heritage Papers**, n. 27. Paris: UNESCO, 2010. Disponível em: <<http://whc.unesco.org>>. Acesso em: 5 jul. 2011.
- \_\_\_\_\_. **Propositions concernant l'opportunité d'un instrument normatif sur les paysages urbains historiques**. 36 C/23 Rev. Paris: UNESCO, 2011a. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002110/211094f.pdf>>. Acesso em: 1 dez. 2011.
- \_\_\_\_\_. **Recommandation sur le paysage urbain historique** - Projet de texte revise. Paris: UNESCO, 2011b. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/fr/activites/638/>>. Acesso em: 25 jun. 2011.
- \_\_\_\_\_. **International World Heritage Expert Meeting On Visual Integrity**. Agra: UNESCO, 2013. Disponível em: <<http://whc.unesco.org>>. Acesso em: 15 jul. 2013.
- UNESCO; ICOMOS. **Word Heritage Cultural Landscape**. Tradução de Vanessa Gayego Bello Figueiredo. Paris: UNESCO, 2009, p. 9.
- UNESCO; World Heritage Committee (WHC). **Operational guidelines for the implementation of the world heritage convention**. Paris: UNESCO, 2008a. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/archive/opguide08-pt.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2011.

UNESCO; University of Ferrara (orgs). Cultural landscapes: the challenges of conservation. Workshops. In: **World Heritage Papers**, n.7, 11-12 nov. 2002. Paris: UNESCO, 2003. Disponível em: <<http://whc.unesco.org>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

**Anexo.** Paisagens Culturais Inscritas na Lista do Patrimônio Mundial de 1992 a 2012.

Data	País	Nome do Bem Inscrito
1993	Nova Zelândia	Parque Nacional Tongariro (inscrito em 1990)*
1994	Austrália	Parque Nacional Uluru-Kata Tjuta (inscrito em 1987)*
1995	Filipinas	Terraços de arroz das cordilheiras das Filipinas
1995	Portugal	Paisagem cultural de Sintra
1996	República Tcheca	Paisagem Cultural de Lednice-Valtice
1997	Áustria	Hallstatt-Dachstein Salzkammergut
1997	Itália	Portovenere, Cinque Terre e Ilhas (Palmaria, Tino e Tinetto)
1997	Itália	Costa Amalfitana
1997/99	França/Espanha	Pyrénées - Mont Perdu
1998	Itália	Cilento e Vallo di Diano National Park com os sítios arqueológicos de Paestum e Velia e a Certosa di Padula
1998	Líbano	Ouadi Qadisha (o Vale Santo) e a floresta dos Cedros de Deus (Horsh Arz el-Rab)
1999	Cuba	Vale dos Viñales
1999	França	Saint-Emilion
1999	Hungria	Parque Nacional de Hortobágy - Puszta
1999	Nigéria	Paisagem Cultural de Sukur
1999	Polônia	Kalwaria Zebrzydowska: o maneirismo arquitetônico e a paisagem do Parque de peregrinação
2000	Alemanha	Jardins Reais de Dessau-Wörlitz
2000	Áustria	Paisagem Cultural de Wachau
2000	Cuba	Paisagem Arqueológica das primeiras plantações de café no sudeste de Cuba
2000	França	Vale do Loire entre Sully-sur-Loire e Chalonnes
2000	Lituânia /Rússia	Istmo de Curonian
2000	Suécia	Paisagem agrícola do Sul de Öland
2000	Reino Unido	Paisagem Industrial de Blaenavon
2001	Áustria / Hungary	Paisagem Cultural de Fertő/Neusiedlersee
2001	República Democrática do Lao	Vat Phou e assentamentos antigos associados à paisagem Cultural de Champassak
2001	Madagascar	Colina real de Ambohimanga
2001	Portugal	Região vinícola do Alto Douro
2001	Espanha	Paisagem Cultural de Aranjuez
2002	Alemanha	Vale do Reno
2002	Hungria	Região vinícola de Tokaj, Paisagem Cultural histórica
2003	Afganistão	Paisagem cultural e ruínas arqueológicas do Vale de Bamiyan
2003	Argentina	Quebrada de Humahuaca
2003	Índia	Refúgios Rupestres de Bhimbetka

2003	Itália	Monte Sagrado de Piemonte e Lombardia
2003	África do Sul	Paisagem Cultural de Mapungubwe
2003	Reino Unido	Jardins Botânicos Reais de Kew
2003	Zimbábue	Colinas de Matobo
2004	Andorra	Vale do Madriu-Perafita-Claror
2004	Alemanha / Polônia	Muskauer Park / Parque Muzakowski
2004/2009	Alemanha	Vale do Elba em Dresden (retirado em 2009)
2004	Lituânia	Sítio arqueológico Kernave
2004	Mongólia	Paisagem Cultural do Vale de Orkhon
2004	Portugal	Paisagem cultural de vinhedos na Ilha do Pico
2004	Togo	Koutammakou, terra dos Batammariba
2004	Noruega	Vegøyan - O arquipélago Vega
2004	Islândia	Parque Nacional de Thingvellir
2004	Irã	Bam e sua Paisagem Cultural
2004	Itália	Val d'Orcia
2004	Japão	Sítios Sagrados e Rota de Pilgrimage no Monte Kii
2004	Cazaquistão	Petróglifos dentro da paisagem arqueológica de Tamgaly
2005	Israel	Rota do Incenso - cidades do deserto de Negev
2005	Nigéria	Bosque Sagrado de Osun-Osogbo
2005	Reino Unido	St Kilda (inscrito em 1986)*
2006	México	Paisagem do Agave e as antigas instalações industriais de Tequila
2006	Reino Unido	Paisagem da mineração em Cornwall e Devon ocidental
2007	Japão	Minas de Prata de Iwami Ginzan Silver Mine e sua Paisagem Cultural
2007	Gabão	Ecosistema e Paisagem cultural relíquia de Lopé-Okanda
2007	África do Sul	Paisagem Cultural e botânica de Richtersveld
2007	Suíça	Lavaux, Terraços de Vinhedos
2007	Azerbaijão	Paisagem cultural da Arte rupestre em Gobustan
2007	Turkmenistão	Parthian Fortresses de Nisa
2008	Quênia	Florestas Sagradas de Mijikenda Kaya
2008	Ilhas Maurícios (Mauritius)	Paisagem cultural Le Morne
2008	Papua Nova Guiné	Sítio Agrícola Kuk Early
2008	Vanuatu	Chief Roi Mata's Domain
2008	Itália/Suíça	Ferrovia Rhaetian em Albula / Bernina
2008	Croácia	Stari Grad Plain
2009	Quirguistão	Montanha Sagrada Sulaiman-Too
2009	China	Monte Wutai
2010	Estados Unidos	Papahānaumokuākea
2010	México	Cavernas pré-históricas de Yagul y Mitla nos Vales Centrais de Oaxaca
2010	China	Parque Nacional de Lushan (inscrito em 1996)*
2011	Colômbia	Paisagem Cultural do Café (rota com seis paisagens agrícolas e 18 centros urbanos)

2011	China	Lago do Oeste de Hanzhu
2011	Síria	Aldeias Antigas do Norte Sírio (vestígios arqueológicos de 40 aldeias)
2011	Espanha	Paisagem Cultural da Serra de Tramuntana-Mallorca
2011	Etiópia	Paisagem cultural de Konso
2011	França	Paisagem Cultural Agropastoral Mediterrânea de Causses e Cévennes
2011	Senegal	Delta Saloum
2011	Iran	Os Jardins Persas (nove jardins em várias províncias)
2012	Indonésia	Paisagem Cultural de Bali: o sistema subak como expressão da filosofia Tri Hita Karana
2012	França	Bacia de Mineração de Nord-Pas de Calais
2012	Canadá	Paisagem de Grand-Pré
2012	Senegal	Paisagens culturais de Bassari, Fula e Bedik
2012	Brasil	Rio de Janeiro, paisagens cariocas entre a montanha e o mar
Total		85

Fonte: UNESCO. WHP. 26. 2009. Cultural Landscapes. Appendix 3. Complementada com informações do site: <<http://whc.unesco.org/en/culturallandscape>> (acessos em julho e novembro de 2011; agosto e dezembro de 2012; atualizada em 03 de julho de 2013) e reorganizada por data. \* Bens inscritos anteriormente em outras categorias e migrados para paisagem cultural.